

Mercado Público deve avançar em licitação para novos comércios

Em paralelo, comerciantes entregaram relatório com demandas à prefeitura de Porto Alegre

/ PATRIMÔNIO

Cássio Fonseca
cassiof@jcrs.com.br

O Mercado Público de Porto Alegre passa por um processo contínuo de requalificação para recuperar, ao menos em parte, o movimento anterior às enchentes e reforçar sua posição como o coração da capital dos gaúchos. Para o segundo semestre deste ano, as principais metas são abrir o processo de licitação para os oito espaços desocupados e dar início à pintura interna, mas as demandas vão além e exigem diálogo e cooperação entre a associação dos comerciantes e a prefeitura.

Uma das principais críticas de quem frequenta o local é justamente a manutenção e aparência, já que os espaços fechados e a carência de uma pintura afastam um pouco daquela sensação de acolhimento de um prédio histórico e tradicional. No entanto, vale ressaltar que isso tudo ainda engloba uma série de etapas de recuperação após as cheias que atingiram o Estado em 2024. E que trata-se do mercado público mais antigo do Brasil, que como é de se esperar, pela idade avançada da estrutura, gera desafios recorrentes.

O ex-presidente e atual tesoureiro da Associação do Comércio

do Mercado Público Central de Porto Alegre (Ascomepc), Rafael Sartori, brinca que quando terminam de arrumar um lado do prédio e vão mexer no outro, o espaço que acabou de ser tratado já demanda novos cuidados. Além disso, conta que foi entregue nesta terça-feira (11) um relatório à prefeitura com reivindicações e pedidos de revisão e novos projetos direcionados a diversas secretarias, focando em temas cruciais como manutenção predial, segurança reforçada, qualificação turística e sustentabilidade ambiental. O documento conta com 54 demandas para 16 pastas da gestão municipal.

Dentre os principais destaques, Sartori aponta o interesse de que o Mercado seja incluído no programa POA Futura, que organiza mais de R\$ 7 bilhões em mais de 300 obras e ações financiadas por organismos internacionais e nacionais, e também no Centro+, iniciativa da prefeitura voltada à revitalização e ao desenvolvimento do Centro Histórico, unindo ações públicas e privadas para estimular a circulação de pessoas, o turismo e a moradia.

Além disso, a Ascomepc propõe que a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Eventos torne obrigatória a inclusão do Mercado nos roteiros oficiais de turismo, como receptivos de cruzeiros, além da implantação da sina-



Mais tradicional espaço de comércio da capital gaúcha deve iniciar a revitalização da pintura em setembro

lização turística interna e externa e da criação de um calendário gastronômico anual próprio.

E as ideias não se limitam ao espaço interno. No relatório, também solicitam que a Secretaria de Obras e Infraestrutura trabalhe na requalificação completa do Largo Glênio Peres e da Praça XV, passando por piso, drenagem, iluminação, mobiliário, acessibilidade externa e microdrenagem do entorno para evitar alagamentos em dias de chuvas fortes.

Para a Secretaria de Serviços Urbanos foi solicitada a coleta ampliada de resíduos orgânicos em horários compatíveis com açougues e peixarias. Mais à frente, Sartori vê com bons olhos um projeto junto à Secretaria Extraordinária da Copa Feminina 2027 para divulgar a competição dentro do Mercado, com ativações e eventos, assim como foi em 2014.

Ainda neste ano, o foco está em garantir a ocupação dos espaços que estão momentaneamente desativados e a pintura interna, conforme a diretora de Patrimônio da Secretaria Municipal de Administração e Patrimônio (Smapi), Paula Medeiros. Hoje, são oito pontos disponíveis para serem ocupados. An-

tes eram sete, mas a desistência do Grupo Press de abrir negócios em uma loja de 388 m² levou a administração a decidir pela divisão do espaço em dois comércios distintos.

Paula conta que a meta é montar o edital e dar início à licitação em até dois meses. Para de fato ter os negócios operando, no entanto, o buraco é mais fundo. “Vamos verificar a situação estrutural de cada loja, porque muitas precisam de um investimento maior”, frisa.

Quanto à pintura interna, a situação está encaminhada através de um recurso federal, segundo a diretora. A ganhadora da licitação já assinou o contrato e deve apresentar uma garantia para que seja dada a ordem de início – a manutenção das calhas também está inclusa no vínculo. A estimativa é que até setembro esteja tudo pronto para iniciar as atividades. Mas também será preciso criar um cronograma de intervenção seccionado por áreas para que o processo não atrapalhe o comércio.

Outro destaque de Paula é que entre o final de setembro e o início de outubro começará a instalação dos relógios nas entradas, “que é uma questão turística muito importante para o Mercado”.

Para 2027, ainda não há projetos no papel, mas uma das ideias que podem avançar é a instalação de uma nova escada rolante no quadrante 1, do outro lado do Mercado em relação a onde está a única operante atualmente, logo atrás da Banca 40.

Quanto ao movimento, que apesar de interessante ainda está muito distante do que era antes das enchentes e, principalmente, da pandemia, Paula afirma que sábado é o dia mais pulsante e ressalta o trabalho de recuperação das cheias pelos lojistas do térreo.

No entanto, para Telmo Kader, um desses comerciantes, ainda há muito a ser recuperado no quesito fluxo. O movimento em sua banca é de apenas 35% quando comparado ao período anterior à catástrofe climática. “Hoje é uma luta trazer gente de volta para cá. O Mercado Público antes abria cedo, às 7h30min, com movimento. Hoje já mudou, o pessoal vem um pouco mais tarde. Também tem menos gente circulando e consequentemente menos consumo”, afirma Kader. Mas, claro, é a favor das mudanças que vêm sendo feitas e de propostas por outras intervenções no espaço e no bairro como um todo.

Drauzio Varella e Margareth Dalcolmo alertam sobre longevidade, vacinas e desinformação

/ SAÚDE

Luciane Medeiros
luciane.medeiros@jornaldocomercio.com.br

Dois dos nomes mais influentes e respeitados da saúde pública e da ciência no Brasil estiveram reunidos ontem em Porto Alegre. O oncologista e comunicador Drauzio Varella e a pesquisadora emérita da Fiocruz Margareth Dalcolmo foram os palestrantes centrais do Congresso + Saúde Sesc e

Senac: Educação e Bem-Estar Social, evento promovido pelo Sistema Fecomércio-RS/Sesc/Senac e IFEP no auditório da entidade.

Perante uma plateia de cerca de 800 pessoas – formada em sua maioria por profissionais da saúde, educadores e pesquisadores –, os médicos abordaram os desafios impostos pelo envelhecimento populacional, a emergência climática, o uso irrestrito da tecnologia e a urgência do combate às notícias falsas e ao movimento antivacina.

Segundo o médico, os avanços da medicina garantem que as atuais gerações ultrapassem facilmente a marca dos 80 ou 90 anos. No entanto, o estilo de vida contemporâneo tem cobrado um preço alto. “A saúde não é um bem, o corpo humano não é uma dívida de Deus, tem uma biologia envolvida que mantém o corpo funcionando, mas é uma máquina que tem que ser cuidada da melhor forma possível. A vida sabendo levar é uma festa, saibam levar a

vida de vocês”, alertou.

A pneumologista Margareth Dalcolmo deu sequência ao debate conectando a longevidade com a necessidade de fortalecimento das políticas públicas de cuidado e do Sistema Único de Saúde (SUS). Um dos pontos de maior convergência entre as apresentações foi a preocupação com a queda das coberturas vacinais e a proliferação de conteúdos falsos sobre saúde nas redes digitais. Margareth lamentou o enfraquecimento cultural

da vacinação no País, que historicamente foi referência mundial. “Inocularam um vírus que não tínhamos – o Brasil reduziu a mortalidade infantil e acreditava nas vacinas, as famílias tinham orgulho em mostrar a caderneta de vacinação dos filhos. Isso foi maculado na cultura brasileira, hoje estamos gastando mais dinheiro para reverter a cobertura vacinal que poderia ser usado em outras coisas, mas precisamos reverter”, pontuou a médica.